David Mourão-Ferreira – Poesia de amor

Vieram as aves negras em teu nome,
Secas folhas de plátano e de tília…
Amargamente, a fonte segredou-me
Tudo quanto eu sabia
Da sorte de Marília;
E que Dirceu
Poderei ser eu
– Tão infeliz! – nesta prisão sombria.

Ausente embora, continuo
A endereçar-te mil endechas.
Não sei mais nada: sei amor. Assim destruiu,
Pela canção doentia
Coloração das minhas queixas.
Bárbara escrava?
Que me importava?
Além do amor, o meu amor quer melodia.

Cantei às flores do pinho, verde e vivo;
Cantei nas margens verdes das ribeiras.
– Quando hás-de ver que foste só motivo
Para falsas canções tão verdadeiras?

David Mourão-Ferreira, Tempestade de verão